

NOVA ÁGUIA

Revista de Cultura para o Século XXI

Nº 38 — 2º SEMESTRE 2026

ENSAIO & POESIA | TEMAS & AUTORES

“A verdadeira força de Portugal reside na energia e tradição do seu povo, que deve superar o pessimismo e a má política através de uma renovada fé no legado histórico da nação.”

ANTÓNIO SARDINHA

nos 100 anos da sua morte
O INTEGRALISMO LUSO-BRASILEIRO

nos 90 anos de
António Braz Teixeira

OUTROS VULTOS
OUTROS VOOS

Zéfiro




Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por
qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

Nova Águia – N.º 38 – 2.º Semestre 2026

AUTORES

Vários Autores

DIRECTOR

Renato Epifânio

VÍCE-DIRECTORES

António José Borges, José Almeida, Luís Lóia, Luís de Barreiros Tavares, Maria João Carvalho,
Maria Luísa Francisco, Nuno Sotto Mayor Ferrão e Samuel Dimas

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Délio Vargas

CAPA

Fotografia de António Sardinha

PAGINAÇÃO

Miguel Oliveira

EDITOR

Alexandre Gabriel

1ª EDIÇÃO: Setembro de 2026

ISSN: 1647-2802

DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08

IMPRESSÃO: DPS

© 2026, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt



WWW.ZEFIRO.PT

contribuído ativamente para a escolha dos temas a tratar e a seleção das distintas personalidades de origem e vivência açoriana no campo da filosofia e da cultura a homenagear naqueles encontros.

Os dois primeiros colóquios foram dedicados ao pensamento e obra de José Enes e Gustavo de Fraga, e os restantes tomaram por tema os intérpretes de Antero de Quental e o pensamento e a obra de Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Francisco Machado de Faria e Maia, e Roberto Mesquita, entre outros.

São, pois, diversos e duradouros os laços que unem o professor Braz Teixeira à nossa Universidade e ao Açores, para além dos seus inúmeros méritos académicos e pessoais, que o seu padrinho irá certamente exaltar.

Existem, pois, razões de maior para que hoje a nossa Universidade tenha a satisfação de o distinguir, e de o acolher entre os nossos distintos doutores *honoris causa*.

Professor Braz Teixeira, bem-vindo à nossa Academia, que, como se percebe, já é sua há muito tempo!

LAUDATIO

José Luís Brandão da Luz

Cabe-me, nesta sessão solene para que Vossa Magnificência, Senhora Reitora, nos convoca, a subida honra de ser o promotor da mais alta distinção honorífica que a Universidade concede a ilustres personalidades que se distinguem pela alta estatura intelectual e moral da obra que realizam e também pela dedicação da sua vida aos mais altos valores da ciência, da cultura e da *polis*, em geral.

O Professor António Braz Teixeira é uma referência notável da filosofia em Portugal e uma personalidade muito distinta da vida social, cultural e universitária portuguesa. É considerado pela vasta obra que tem produzido e pelas relevantes funções que desempenhou na direção de importantes instituições, como o Teatro Nacional D. Maria II, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, o Conselho de Gerência da RTP, num período que coincidiu com o investimento que marcou os anos de ouro da produção da nossa Televisão regional, de que todos certamente se lembrarão e hão de associar os nomes de Lopes de Araújo e Zeca Medeiros. Mas, desde longa data, Braz Teixeira tem também mantido uma estreita e desinteressada ligação com a Universidade dos Açores, pelo apoio

à realização de importantes iniciativas culturais e encontros científicos e pela atenção que tem dedicado ao estudo e difusão de vários autores de origem açoriana que sobressaíram na cultura portuguesa, como a Senhora Reitora muito oportunamente acabou de lembrar, o que me dispensa de voltar ao assunto. Esta proximidade tornou-o credor da estima e admiração de todos nós e mereceu o reconhecimento do conselho científico da Faculdade Ciências Sociais e Humanas, que decidiu por unanimidade homenagear o Doutor Braz Teixeira com o título de doutor *honoris causa*, cumprindo com esta sua deliberação o indeclinável dever de lhe fazer justiça.

António Braz Teixeira, professor universitário, pensador e ensaísta, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, em 1958, e fez parte do grupo da Filosofia Portuguesa constituído por Álvaro Ribeiro, José Marinho, António Quadros, Orlando Vitorino, Afonso Botelho, Pinharanda Gomes, António Telmo e outros, fortemente inspirado pelo pensamento filosófico de Leonardo Coimbra, Sampaio Bruno, Delfim Santos, na sua orientação metafísica e oposição ao positivismo. Atualmente, é membro de

diversas academias científicas, em Portugal e no Brasil, designadamente a Academia das Ciências de Lisboa aqui representada pelo Professor Esteves Pereira, a quem calorosamente cumprimento. O Estado Português concedeu-lhe a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, tendo sido também distinguido como cavaleiro da Ordem do Império Britânico e como comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul (Brasil). Nos anos oitenta, foi Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros e depois da Cultura, tendo sido também professor na Faculdade de Direito e em outras universidades, com destaque para a Lusófona e Évora. Em 2006, a Universidade de Lisboa conferiu-lhe a distinção de doutor *honoris causa* em Filosofia.

Braz Teixeira é autor de um conjunto livros e artigos sobre direito fiscal, mas acima de tudo de uma vasta e muito relevante bibliografia sobre filosofia do direito, história da filosofia do direito em Portugal e também no Brasil, filosofia da saudade em Portugal, no Brasil, na poesia lusófona africana e na Galiza. Publicou ainda estudos e livros sobre diversos temas da filosofia em Portugal, de que destacamos história da ética em Portugal e no Brasil, filosofia da religião, ensaios de literatura, designadamente sobre teatro português, e uma coletânea de estudos sobre temas de estética luso-brasileira, que saiu o ano passado com o título *O Sentido das Formas*.

No campo da filosofia do direito, a sua principal obra *Sentido e Valor do Direito. Introdução à Filosofia Jurídica*, em 3.^a edição, de 2006, revista e ampliada, constitui uma reflexão filosófica sobre o Direito e a Justiça. O autor desenvolve nessa obra a sua conceção sobre a natureza do direito, que apresenta na confluência de dois vetores principais que se interligam, um de natureza ontológica, que visa esclarecer como o Direito se manifesta ou revela no mundo do espírito e da cultura, o outro de natureza axiológica, que diz respeito ao valor ou princípio que o garante, o que conduz à reflexão sobre o tema do Direito Natural e da ideia de Justiça.

A sua conceção do direito reflete-se na linha que imprime à produção ensaística que tem vindo a publicar, a qual contempla numerosos trabalhos sobre a historiografia do pensamento

filosófico do direito, desde a reflexão ético-jurídica de matriz teológica teorizada por S. Martinho de Dume, no período anterior à formação de Portugal como Estado independente, até aos nossos tempos, em que a especulação sobre os fundamentos do direito foi sendo progressivamente orientada para soluções inspiradas por novas e influentes correntes do pensamento, de grande expressão no século XIX, como o sensismo, o utilitarismo, o cientismo, o naturalismo, o positivismo, mas também pela reação desencadeada pela descoberta da filosofia kantiana, do krausismo, da fenomenologia e outras correntes filosóficas do século XX, onde se inclui o existencialismo e o personalismo.

Cumprir aqui fazer uma chamada de atenção para o lugar que Braz Teixeira reserva na sua análise à filosofia do direito a autores açorianos, como Joaquim Maria da Silva, Teófilo Braga, Francisco Machado de Faria e Maia e Manuel António Ferreira de Deusdado, este de origem transmontana, mas que viveu longos anos em Angra do Heroísmo. Faria e Maia é referenciado em vários trabalhos pela viragem que opera, na linha da filosofia kantiana, nas conceções então sustentadas, defendendo uma conceção de direito centrada em decisões humanas, distinta da moral, e uma ideia de justiça não a partir de uma base transcendente, mas imanente à vontade humana, a quem compete determinar a lei e definir o seu ideal.

Ainda recentemente, por ocasião do centenário da morte de Francisco Machado de Faria e Maia, em que tivemos a ocasião de reeditar a sua *Determinação e Desenvolvimento da Ideia de Direito*, com outros textos do filósofo açoriano dispersos por várias publicações, pudemos contar com a disponibilidade do Doutor Braz Teixeira para o clarificador prefácio de apresentação do pensamento de Faria e Maia e do seu enquadramento nas correntes da reflexão filosófico-jurídica da segunda metade do século XIX, uma época que, conforme judiciosamente observa, foi particularmente fecunda neste domínio especulativo, em Portugal e no Brasil.

No campo da filosofia em Portugal, devemos ao Professor Braz Teixeira numerosos estudos sobre destacados autores e correntes que marcaram o

panorama cultural e especulativo português ao longo da história. Ocupa especial relevo a atenção que tem dispensado ao estudo da filosofia da saudade, em que assinou com Afonso Botelho uma preciosa antologia sobre esta problemática tão transversal ao pensamento português. O tópico da saudade, que impregnou a lírica poética luso-galaica dos nossos mais antigos cancioneiros, tornou-se tema de reflexão filosófica a partir da análise depuradora deste sentimento operada pelo rei D. Duarte, no capítulo XXV do seu *Leal Conselheiro*, e foi amplamente debatido no século passado, dentro e fora da universidade, por diversos autores do panorama filosófico português. Cabe ainda referir neste campo de estudos, a importante obra *A Filosofia da Saudade*, editada pela primeira vez em 2006, mas revista e aumentada na 2.ª edição de julho de 2024, em que Braz Teixeira empreende a análise do tema em Portugal, na Galiza e no Brasil, distinguindo as várias correntes e figuras que abordaram o tema, ao longo da história, e elucidando as incidências temáticas que têm dominado esta problemática filosófica, umas valorizando a análise da consciência saudosa, outras, de teor antropológico e metafísico, interrogando-se sobre o sentido do sentimento saudoso e a inventariação dos elementos constitutivos da consciência saudosa.

O período contemporâneo da filosofia portuguesa, amplamente estudado pelo Professor Braz Teixeira, tem incluído muitos autores de origem açoriana, alguns dos quais entraram pela sua mão no roteiro do pensamento filosófico português. Além de Antero de Quental, a quem tem dedicado vários e penetrantes ensaios, e Teófilo Braga, cuja apreciação da dimensão cultural e especulativa da obra tem contribuído para que seja olhado com menos preconceitos e mais atenção aos seus verdadeiros méritos, outros autores têm também atraído o seu interesse. Menciono apenas dois autores contemporâneos, que são para a nossa Universidade, a celebrar no presente ano o cinquentenário da sua fundação, personalidades que a modelaram nos seus começos e lhe conferiram solidez e projeção, pelo prestígio que as suas obras filosóficas haviam já alcançado a nível nacional. Refiro-me,

em primeiro lugar, a vários estudos que dedicou a José Enes, um dos quais no *Liber Amicorum* que tive a felicidade de coordenar, em 2006, em homenagem ao fundador e primeiro reitor da Universidade dos Açores, e outros resultantes da sua participação nos colóquios que lhe têm sido dedicados.

Ainda recentemente, ficamos a dever-lhe o incentivo à publicação do inédito intitulado *Fenomenologia da Religião*, contendo alguns apontamentos de um curso que o Professor José Enes ministrou, em 1970, na Universidade Católica Portuguesa e que foi transcrito e editado por Fernanda Enes, também presente nesta cerimónia e a quem particularmente saúdo. No clarificador prefácio que escreveu, Braz Teixeira chama particularmente a atenção para o estilo que o Professor Enes imprime à utilização que faz do método fenomenológico, para compreender e indagar a forma como se mostra ou manifesta no homem a experiência religiosa. Na “movimentação corporal” e na *fala*, o homem dá a conhecer a si e aos outros o que pensa e também o que sente, elaborando discursos, criando símbolos, descodificando sinais, num esforço interminável de dizer o que linguagem de algum modo transmite, sem, no entanto, conseguir enunciar. Compreende-se assim que a fenomenologia da experiência religiosa se complete numa hermenêutica, um processo interpretativo que visa pôr a descoberto o que a fala acaba sempre por deixar oculto.

Nos estudos que dedicou à obra do Professor Gustavo de Fraga, é de salientar a mestria com que apresentou o seu enquadramento e salientou a sua singularidade no que denominou o “primeiro ciclo do movimento fenomenológico em Portugal”, constituído por Alexandre Morujão, Júlio Fragata e Abranches Soveral. Na sua perspetiva, o interesse de Fraga pelo pensamento filosófico de Heidegger, Dilthey, Jaspers e Marcel confere ao seu estudo da fenomenologia de Husserl, objeto principal da sua tese de doutoramento, uma orientação para o que justamente considera ser as suas preferências especulativas, que identifica como tendo sido a construção de uma “metafísica fenomenológica ou a partir da fenomenologia”. A repetida

atenção reflexiva que Gustavo de Fraga dedicou à noção de Filosofia, cumpre um propósito existencial e metafísico de procura da essência da realidade humana e do sentido da sua existência, conduzindo-o a uma persistente meditação de pendor teleológico que, no final da vida, ao ganhar expressão poética, se desprende das amarras de argumentação lógico-dedutiva impostas pela filosofia.

Mais recentemente, Braz Teixeira dedicou a Roberto de Mesquita, por ocasião do centenário da sua morte, um estudo em que realçou a feição saudosista do seu simbolismo, salientando em particular a dimensão metafísica que o tema da saudade revestiu no poeta florentino, o que o aproxima da obra poética de várias figuras relevantes dessa escola, de modo particular Teixeira de Pascoas, António Patrício e Fernando Pessoa. Para Braz Teixeira, a poesia de Roberto de Mesquita distingue-se pela “feição cósmica e metafísica do seu lirismo”, a que se associa um panteísmo espiritualista de teor pampsiquista que, deixando pouco lugar ao sentimentalismo amoroso, se mantém em íntima relação com a experiência saudosa da “alma das cousas”.

Uma referência final será também devida ao seu estudo sobre obra teatral de Norberto Ávila, que diz ser “o dramaturgo português mais traduzido e mais vezes representado fora de Portugal”. A sua obra, atualmente constituída por vinte e seis peças, a maior parte delas levadas à cena, explora, adianta Braz Teixeira, “o esquecido ou abandonado filão de lendas, contos e romances tradicionais”, retomando a inspiração do teatro popular e recriando alguns mitos e figuras lendárias da tradição clássica, assim como outros temas relacionados com a História de Portugal, como as descobertas, os efeitos da abertura a novas mundividências, a intolerância, a intervenção política e a crítica social. As peças de teatro de Norberto Ávila, refere Braz Teixeira de modo global, embora portadoras de “um conjunto de temas, de figuras, de imagens e de símbolos que o individualizam, não deixam, também, de denunciar a sua matriz ou a sua origem insular e a sua relação profunda com o imaginário próprio do seu arquipélago natal e com algumas das suas mais originais tradições

culturais e religiosas. Inscrevem-se aqui, em lugar de relevo, o recorrente símbolo da ilha como microcosmo simultaneamente limitado e aberto, pelos horizontes de bruma, imprecisos e indefinidos, a todo o restante vasto mundo, que solicita o ilhéu para outras terras”.

Em 2008, os Centros de Filosofia da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa organizaram um volumoso *Liber Amicorum* em sua homenagem, com o título *Convergências e Afinidades – Homenagem a António Braz Teixeira*. 26 das 63 colaborações foram dedicadas à análise do seu pensamento filosófico-jurídico e ao seu contributo para o estudo da Filosofia Portuguesa. Em 2018, Celeste Natário, Jorge Cunha e Renato Epifânio, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, reuniram no volume *António Braz Teixeira, Obra e Pensamento* mais de quatro dezenas de publicações apresentadas no colóquio internacional que lhe foi dedicado, versando vários temas do seu pensamento. A sua obra, no entanto, continua em elaboração e esperamos venha a contar em breve com uma coletânea de ensaios sobre autores açorianos que, entre outros, irão contemplar o teatro de Armando Cortes-Rodrigues, Natália Correia e Vitorino Nemésio.

Em face do relevante currículo do Doutor Braz Teixeira que sumariamente procurei apresentar e em que sobressai, no conspecto do merecimento de uma obra da maior relevância e reconhecimento nacional e internacional, a longa e profícua colaboração com a Universidade dos Açores e os relevantes estudos sobre importantes personalidades do mundo da filosofia e da literatura portuguesa de origem açoriana, resta-me, Senhora Reitora, esperar que Vossa Magnificência seja servida de outorgar ao Professor António Braz Teixeira as insígnias do título de Doutor *Honoris Causa* em Filosofia pela Universidade dos Açores, conforme foi proposto, nos termos do Estatuto, pelo Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade, expressando assim o mais elevado reconhecimento desta academia à sua alta personalidade e enobrecendo o claustro doutoral da Universidade com a sua integração.